



SANTOS, Jandir Silva dos; ALMEIDA, Eduardo Alves de. Por um épico homossexual: as estratégias de releitura homoafetiva em *A canção de Aquiles*, de Madeline Miller. In: *Revista Épicas*. Ano 6, N. 11, Jun 22, p. 52-62. ISSN 2527-080-X.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v115262>

## **POR UM ÉPICO HOMOSSEXUAL: AS ESTRATÉGIAS DE RELEITURA HOMOAFETIVA EM A CANÇÃO DE AQUILES, DE MADELINE MILLER**

### **FOR A HOMOSEXUAL EPIC: THE HOMOSEXUAL ADAPTATION STRATEGIES IN THE SONG OF ACHILLES, BY MADELINE MILLER**

Jandir Silva dos Santos (Universidade Federal do Amazonas/UFAM)<sup>1</sup>  
Eduardo Alves de Almeida (Faculdade Metropolitana de Manaus/FAMETRO)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A figura quase mítica de Homero legou-nos um dos expoentes para o estudo do gênero épico: *Iliada*, que versa sobre a queda da poderosa cidade de Tróia e a ação de um de seus protagonistas, o semideus Aquiles. Madeline Miller, escritora norte-americana, toma a saga do herói e produz a releitura *A canção de Aquiles* (2021), romance que narra os eventos da Guerra de Tróia (além dos anos formativos da vida de Aquiles) a partir da visão de Pátroclo, a quem o texto clássico refere-se como grande amigo do semideus e Miller retrata como seu amante. Reconfigurando um dos textos fundantes da cultura ocidental a partir de uma sensibilidade homoafetiva estruturante, Miller contempla Bakhtin (1997) quando este fala sobre a estabilidade relativa do gênero, Wood (2011) ao tratar sobre as formas subversivas de uso das mecânicas dos gêneros textuais clássicos, e as considerações de Regina Dalcastagnè (2012) acerca da contestação do território literário e seus discursos heteronormativos, o que então era apenas subtexto nos versos de Homero. Desse modo, Miller questiona os valores hegemônicos que permeiam o épico, imbuindo um de seus derivados, o romance, com uma possibilidade de representação LGBTQIA+ passível de leitura à luz da Teoria Queer.

**Palavras-chave:** *Iliada*; Releitura; Homero; Teoria queer.

**ABSTRACT:** The almost mythical figure of Homer gave us one of the most influential texts for the comprehension of the epic: The Iliad, poem set during the Trojan War which tells of its battles and the part of demigod Achilles on them. The north American writer Madeline Miller takes such material as the inspiration to The Song of Achilles, a novel that develops the early years of the titular character leading to the Trojan War through the eyes of Patroclus, to whom Homer refers as the demigod's dearest friend and Miller reimagines as his lover. Reshaping one of the most basilar texts

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM) desde 2020. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais – LETRAR. Contato em [jan.fne@gmail.com](mailto:jan.fne@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO) desde 2021. Membro do Grupo de Estudos Gênero e Sexualidade na Prática Clínica. Contato em [eduardoalvespsi@gmail.com](mailto:eduardoalvespsi@gmail.com).

of the Western culture taking a homosexual sensibility as the main motive, Miller does what Bakhtin (1997) refers as the relative stability of the Speech Genres, what Wood (2011) observes as the subversive uses of classical genre's textual mechanics, and the appointments made by Regina Dalcastagnè (2012) regarding the literature as a place of battle against heteronormative speeches, something that is merely suggested by Homer's verses. Thereby, Miller subverts the dominant values of the epic poetry by building an epic novel that opens itself to possible LGBTQIA+ reading and Queer Theory analysis.

**Keywords:** Iliad; Adaptation; Homer; Queer Theory.

## Introdução

“Divino Aquiles dos pés velozes”, é a forma como o lendário guerreiro é frequentemente descrito em *Iliada* (2013, p. 47), poema que, junto com *Odisseia* – ambos alegadamente escritos por Homero –, contribuem enormemente para a compreensão do épico enquanto gênero literário. Filho de mãe divina e pai mortal, Aquiles é um semideus, dotado de dons sobrenaturais e, portanto, digno do título de herói, uma vez que desempenha papel central na Guerra de Tróia, evento em que, segundo profecias, alcançaria a glória a custo de sua própria vida.

Assombrado por essa sina trágica, Aquiles tem seus atributos físicos frequentemente exaltados por Homero, uma vez que o herói épico amalgama os principais valores que uma nação cultiva para, por meio da arte poética, imortalizá-los em verso. Desse modo, o herói épico clássico ocupa uma posição arquetípica, o que o difere profundamente, por exemplo, do herói romântico, que é construído a partir de uma realidade subjetiva. Aquiles é, por este motivo, mais um mecanismo narrativo do que de fato uma personagem, mas da mesma forma que o épico clássico originou o romance em prosa, a figura do herói também não sobreviveu ao teste do tempo sem se transformar.

Em *A canção de Aquiles* (2021), de autoria da professora Madeline Miller, temos uma releitura da jornada heroica da personagem-título, não focando apenas em sua faceta heroica, como fez Homero, mas também em sua construção subjetiva. Miller toma como motivo edificante da narrativa a relação entre Aquiles e Pátroclo, a quem seleciona enquanto narrador, frequentemente descrito tanto por Homero como por Robert Graves (2018, p. 399) como “amigo querido”, “companheiro inseparável” do herói. Tal escolha não é arbitrária, uma vez que Miller estabelece a relação entre ambos como amorosa, algo até então implícito no poema homérico.

Ao fazê-lo, a autora afirma o que Mikhail Bakhtin (1997, p. 302) descreve como a capacidade que o fazer criativo tem de remodelar o que é tradicionalmente atribuído aos gêneros literários, uma liberdade estética que os adequa às demandas de um novo tempo-espço, diferente daquele em que foi originalmente concebido, uma vez que ela toma o que é convencionalizado esperar do herói épico e realiza sua subversão. O sucesso de recepção do livro, tanto pela crítica quanto pelo público, sustenta-o enquanto um épico para novas gerações, considerando, conforme explica Christian Gonzzati (2021, p. 156), o impacto que produtos culturais como este podem exercer na cultura pop.

Para tal, Miller reimagina um dos principais heróis do Ocidente, conferindo-lhe personalidade para além da função que desempenha enquanto grego exemplar – personalidade esta que, ao mesmo tempo,

reverbera enquanto discurso desestabilizador de uma ideologia heteronormativa. Tal afirmação encontra suporte à luz do entendimento que Richard Miskolci (2021, p. 27) faz da Teoria Queer e de sua potencialidade transformadora, especialmente por meio de um veículo pop como o é uma obra best-seller, capaz de desalinhar os valores tradicionais que atravessam nossa construção subjetiva.

Desse modo, Miller constrói uma subjetividade particular em torno do épico dando o controle da palavra a Pátroclo, um subordinado que mantém uma relação homoerótica com seu senhor. Assim se dá disputa do texto com a hegemonia ocidental por um espaço de representação LGBTQIA+ no território literário, uma demanda contemporânea realizada pela emergência de vozes até então desautorizadas, como nos fala tanto Miskolci quanto Regina Dalcastagnè (2012, p. 7). Tal estratégia utilizada por Miller configura o objetivo primário de discussão deste texto.

### **Um épico para nossos tempos**

Também chamado de epepeia, o poema épico conversa diretamente com uma realidade coletiva, em busca de abordar temas universais. Para tal, elege a personagem do herói para encarnar os principais valores dessa coletividade, um campeão que incorpora o que determinado grupo social preza em si mesmo. Eis o caráter coletivo da ação épica, cuja mecânica estética opera de um ponto de vista objetivo, a partir de uma narração que dê conta da dimensão grandiosa que os eventos da epepeia tomam.

Assim, o foco narrativo em terceira pessoa é preterido, ao passo que a história e as lendas se tornam matéria para a valoração do grupo social sobre o qual o épico versa. Segundo Antônio Cardoso Filho (2011, p. 85):

O objetivo da epepeia é sempre alcançar a coletividade, daí eles interagirem livremente com as demais personagens e com os deuses a quem rendiam culto, demonstrando a importância da submissão aos superiores como condição da ordem social e política. Os mitos que serviam de base aos poemas épicos em geral estão fundamentados em antigos mitos religiosos dos ancestrais. Sobre essa questão, há quem diga que o pensamento que fundamenta essas crenças religiosas provém da necessidade de sustentar a energia vital própria dos deuses e das personagens. Como acontece com os reis e os heróis, essas personagens participam da divindade, e é com essa força que o mundo, a natureza e o desenvolvimento dos povos podem ser colocados em um sistema organizado. Dessa força depende a continuidade do mundo e da sociedade, por isso não se pode deixá-la entrar em declínio, pois esse declínio seria a própria derrocada da humanidade.

Como sugere Cardoso Filho, o épico passa a exercer função não apenas elogiosa, mas também exemplar, uma vez que seus heróis se tornam detentores de valores divinos acessíveis à esfera profana, o que aproxima tal gênero literário do mito. O herói é, antes de tudo, uma figura civilizadora, pois sua imagem semidivina conecta os planos sagrado e profano (ELIADE, 1992, p. 50), imbuindo os mortais também com o poder para sustentar o mundo.

É no período clássico do continente europeu que surgem dois poemas épicos de especial consideração para o sustento dos valores da civilização ocidental: *Ilíada* e *Odisseia*, da autoria de Homero,

que narram a potencialidade da civilização grega por meio da ação de heróis humanos com sangue divino. Ambos contemplam a queda da cidade de Troia e suas consequências, uma sucessão de episódios que amalgamam fato e lenda com o único objetivo de exaltar a perícia grega.

*Ilíada*, em particular, confere papel de destaque a Aquiles, filho do rei Pélias com a deusa marinha Tétis, que o teria revestido de habilidade sobrenatural em batalha, e, por isso, seu destino seria o de conquistar a glória imortal. Contudo, também é característico do épico atribuir aos semideuses a prometida glória somente após a realização de vários feitos e sua consequente morte, marcando-os com a sina da tragédia. Com Aquiles, não seria diferente, como deixa claro a fala da própria Tétis:

Ah, meu filho! Por que te dei à luz, amaldiçoada, e te criei? / Quem dera que junto às naus estivesse sentado sem lágrimas / e sem sofrimento, visto que curta é a tua vida, sem duração! / Agora será rápido o teu destino e mais do que todos os outros / sofrerás. Para um fado cruel te dei à luz no nosso palácio (HOMERO, 2013, Canto I, 414-418).

Eis então a caracterização do herói épico: valoroso segundo sua própria nação, marcado para morrer ainda cedo em troca de aclamação divina. Inserida nessa caracterização, está a figura trágica de Aquiles que a autora norte-americana Madeline Miller toma como principal interesse de sua obra *A canção de Aquiles* (2021), reimaginando a saga heroica do príncipe grego e transcrevendo-a para um novo público, em um novo tempo.

Para tal, uma reconstrução estética também se faz necessária, e Miller faz uso de certas estratégias para tornar um enredo clássico acessível aos leitores do século XXI: ao invés da epopeia, adota o romance como veículo, recorrendo à perspectiva da primeira pessoa para abordar o enredo clássico. Tal mudança parece contradizer a necessidade da objetividade do épico tradicional ao retratar temáticas grandiosas, mas ao realocar o episódio da Guerra de Troia a um novo espaço-tempo, o ajuste se mostra necessário:

Na verdade, a narração em primeira pessoa costuma ser mais confiável que não confiável, e a narração “onisciente” na terceira pessoa costuma ser mais parcial que onisciente. O narrador na primeira pessoa em geral é muito confiável; por exemplo, Jane Eyre, narradora em primeira pessoa altamente confiável, conta sua história numa posição de quem compreende o que já passou. Até o narrador que não parece confiável é confiavelmente não confiável [...]. Há aí um processo de sinalização do autor; o romance nos ensina a ler o narrador (WOOD, 2011, p. 20-21).

Dessa forma, James Wood fala da confiabilidade do narrador em primeira pessoa, e é a tal foco narrativo que Miller nos entrega, mas, contrariando o protagonismo que Aquiles assume na versão de Homero, a mudança exige que outra escolha seja feita: a seleção de um narrador igualmente confiável. De toda uma miríade de personagens heroicos aos quais Miller poderia conceder essa função, a autora atribui a Pátroclo, amigo e confidente de Aquiles. Em um enredo no qual a potência heroica é tão pontual, a opção de Miller é improvável:

Logo me tornei uma decepção: pequeno, franzino. Não era esperto. Não era forte. Não sabia cantar. O melhor que se poderia dizer de mim é que tinha saúde [...]. Isso só deixou meu pai ainda

mais desconfiado. Seria eu um mutante, uma criatura não-humana? Ele me olhava com ar zangado (MILLER, 2021, p. 7).

Em contraponto a Aquiles, Pátroclo é frequentemente lido como uma personagem de valor duvidoso. Além da descrição de Miller supracitada, assim Homero se refere a ele quando lamenta pelo embate entre gregos e troianos: “Por que razão choras, ó Pátroclo, como uma garotinha, / uma menina, que corre para a mãe a pedir colo / e, puxando-lhe pelo vestido, impede-a de andar, / fitando-a chorosa até que a mãe a pegue no colo? Igual a ela, ó Pátroclo, choras tu lágrimas fartas” (HOMERO, 2013, Canto XVI, 7-11).

Em *A canção*, Pátroclo é frequentemente menosprezado, seja pelo pai, rei Menécio, que o exila, ou por Tétis, que não o julga digno da companhia do filho. As mulheres não o julgam belo, nem os homens o julgam forte, a mediocridade permeando todos os seus atributos. Se isso é de fato a forma como o viam ou a forma como via a si mesmo – afinal, sua autopercepção é sempre em comparação com figuras como as de Aquiles –, sua função central nessa releitura só é reafirmada.

Pátroclo não é apenas um narrador, ele, à sua maneira, é também um herói, mesmo que não o seja segundo a tendência clássica. Se um novo foco narrativo é necessário para que um novo público seja acessado, talvez um novo formato de herói também seja considerado. Vemos uma justificativa para isso em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012, p. 7-9), no qual Regina Dalcastagnè destaca como as demandas da contemporaneidade exigem dos produtos culturais a emergência de novas vozes, seja na produção ou na construção discursiva da linguagem literária, ao passo que a literatura é consumida por um público cada vez mais diverso. Por vezes, a natureza dessas vozes cria dissonâncias nos discursos veiculados pelas classes dominantes, uma vez que provêm de grupos até então marginalizados, como mulheres, negros e a comunidade LGBTQIA+.

Sendo Pátroclo uma personagem distante dos poderes divinos, tão regular quanto qualquer ser humano, sua voz de exilado, de homem pouco valoroso e, na releitura de Miller, de conduta homoafetiva, portanto, inscrito na comunidade LGBTQIA+, talvez seja ele uma personalidade mais relacionável ao público do que o super-humano Aquiles. Da mesma forma que Aquiles, Pátroclo também é fadado à tragédia, como descobre ao interagir com Tétis, que sempre o trata com crueldade:

Ela se inclinou ainda mais, crescendo diante de mim. Sua boca era uma fenda rubra como o ventre dilacerado de um animal de sacrifício, sangrenta e fatídica. Seus dentes brilhavam, agudos e brancos como marfim.  
- Ótimo. E displicentemente, como se falasse para si mesma, ela disse: - Você morrerá logo (MILLER, 2021, p. 54).

Colocando Pátroclo sob o signo da tragédia, Miller marca-o também como elegível à posição de herói, mas sua sina não é a única coisa que o caracterizaria como tal. Em *O herói de mil faces* (2007, p. 57), Joseph Campbell se dedica a descrever a jornada arquetípica da figura do herói, que, embora mantenha seus laços com os poderes divinos, precisa atingir seu pleno potencial após um período formativo, no qual é submetido a um treinamento orientado. Embora tanto Aquiles quanto Pátroclo sejam treinados nas artes da medicina

e da guerra pelo centauro Quíron, é a gradativa descoberta da sexualidade de ambos que constitui, na versão de Miller, o período de instrução de seu herói inusitado. Pátroclo, ao ouvir sobre as experiências sexuais de seus colegas exilados com as criadas, pensa somente na vez que, impulsivamente, beijara Aquiles:

As vozes dos rapazinhos, de rostos afogueados, vibravam de excitação. No entanto, quando eu tentava imaginar as cenas que descreviam, minha mente se esquivava como um peixe temeroso da isca.

Outras imagens brotavam em seu lugar. A curva de um pescoço inclinado sobre a lira, cabelos cintilando ao fogo da lareira, mãos de tendões esguios. Passávamos juntos o dia inteiro e eu não tinha como escapar: o perfume dos óleos que ele usava nos pés, os vislumbres de pele quando ele se vestia... Eu procurava desviar os olhos e evocar aquele dia na praia, a frieza em suas pupilas e a pressa com que se afastara de mim (MILLER, 2021, p. 89-90).

Embora Aquiles não tivesse mais o que aprender com Quíron acerca das práticas de combate, os anos de formação que passam na companhia do centauro não findam até que ambos consumam a atração que sentem um pelo outro, uma vez que Pátroclo era incapaz de perceber se Aquiles retribuía ou não os seus afetos após a ocorrência do primeiro beijo. Somente após o primeiro contato sexual de ambos, é que se pode considerar Pátroclo como um herói instruído, assim como Aquiles.

Desvinculado dessa maneira da tradição clássica, Pátroclo tem direito a ocupar um lugar de valor, pois a disputa pelos territórios da literatura depende da agência das pessoas normais, já distantes dos deuses. A falta do elemento divino, ao invés de diminuir sujeitos como Pátroclo, concede-lhes outra forma de grandeza, como podemos ver ao longo da narrativa. Conforme a Guerra de Troia avança, Pátroclo exerce a arte da medicina e passa a tratar os doentes e feridos:

Ganhei certa reputação, certo prestígio no acampamento. Era procurado, conhecido pela agilidade de minhas mãos e por causar o mínimo de dor aos pacientes. Podalírio passava cada vez menos tempo na tenda - era eu quem lá ficava quando Macaonte saía.

Comecei a surpreender Aquiles ao cumprimentar todos aqueles homens quando vagávamos pelo acampamento. Agradava-me vê-los acenando de volta, apontando uma ferida que cicatrizara sem problemas.

Depois que eles se afastavam, Aquiles sacudia a cabeça. Não sei como consegue lembrar-se de todos eles. Juro que, para mim, parecem todos iguais.

Eu ria e apontava de novo para os homens.

- Aquele é Estênelo, o cocheiro de Diomedes. Aquele é Podarces. cujo irmão foi o primeiro a morrer, lembra-se?

- São muitos - suspirou Aquiles. - É mais fácil que eles se lembrem de mim (MILLER, 2021, p. 238).

A posição de Aquiles, sempre preocupado com a própria glória para além de qualquer causa, deixa claro o quão inadequado ele é para ocupar o papel de herói contemporâneo, uma vez que seus interesses destoam da ideia de coletividade prezada pelo épico. Pátroclo, por outro lado, tão humano quanto os soldados e os leitores, estabelece uma relação de simpatia com ambos os grupos.

A liberdade estética que Miller exerce sobre o poema de Homero exemplifica o que Mikhail Bakhtin (1997, p. 302) define como próprio dos gêneros do discurso, que de modo algum são de natureza estática:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. Como Jourdain de Molière, que falava em prosa sem suspeitar disso, falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência. Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos (BAKHTIN, 1997, p. 302).

Desse modo, Madeline Miller apropria-se do gênero épico e de seus principais atributos (foco narrativo, figura heroica) e os reconfigura de modo a atender as necessidades de um público leitor contemporâneo, o que é descrito por Bakhtin como uma plasticidade muito própria dos gêneros textuais. Como visto, Pátroclo atua como um novo herói épico, mais próximo da humanidade que dos deuses, menos excepcional e, por isso mesmo, mais relacionável.

Assim, quando a questão de sua sexualidade e a relação que cultiva com Aquiles ganha destaque, tal atributo cria dissonâncias em outro território literário: sua função discursiva.

### **Um herói para um novo épico**

Publicado originalmente em 2011, com primeira edição brasileira lançada em 2013, *A canção de Aquiles* só alcançou popularidade global em 2021 por meio de sua viralização no aplicativo TikTok, o que garantiu sua republicação no Brasil no mesmo ano, pela editora Planeta. Tal fato suscita debates acerca da influência das mídias digitais sobre o consumo de produtos culturais, e no caso da obra de Madeline Miller, isso também se deve à sua dimensão discursiva.

Tal popularidade talvez se deva ao fato de o motivo estruturante da abordagem de Miller ser a relação amorosa entre Aquiles e Pátroclo, tratada em outras releituras do enredo apenas de maneira sugestiva. Robert Graves (2018, p. 399) chama Pátroclo de “companheiro inseparável” de Aquiles, Franchini e Seganfredo (2003, p. 209) chamam-no “querido amigo”, e assim o próprio Homero descreve a reação de Aquiles, quando Pátroclo é morto pelos troianos, ao ser questionado pela mãe Tétis:

Suspirando profundamente lhe respondeu Aquiles de pés velozes: / “Minha mãe, na verdade essas coisas cumpriu para mim o Olímpio. / Mas que satisfação tenho eu nisso, se morreu o companheiro amado, Pátroclo, a quem eu honrava acima de todos os outros, como a mim próprio? Perdi-o! (HOMERO, 2013, Canto XVIII, 78-82).

Investindo dessa forma a narração de uma sensibilidade homoafetiva, Miller oferece uma perspectiva diferente dessas personagens, então celebradas apenas por sua proeza física e bélica, característica prezada por culturas de hegemonia heteronormativa. Pelos olhos de Pátroclo, Aquiles era mais do que uma máquina de matar destinada à morte gloriosa: era um jovem sem malícia, um músico talentoso,

um sujeito também receptivo ao afeto. Apesar da tragédia anunciada sobre a vida de ambos, a relação amorosa é construída:

Ele abriu os olhos e disse:

- Cite um herói que tenha sido feliz.

Pensei um pouco. Hércules enlouquecera e chacinara a família; Teseu perdera a noiva e o pai; os filhos de Jasão e a segunda esposa foram assassinados pela primeira; Belerofonte matara a Quimera, mas ficou aleijado ao cair do dorso de Pégaso.

-Não conseguiria. Ele sentou-se inclinado para a frente.

Não, não conseguiria.

-Sei disso. Os deuses não permitem que sejamos famosos e felizes. Franziu o cenho. Vou lhe contar um segredo.

Conte-me. - Eu adorava quando ele se comportava assim.

- Eu serei o primeiro. Segurou minha mão e pousou-a na sua. - Jure.

- Por que eu devo jurar?

- Porque você é a razão. Jure.

- Eu juro - murmurei perdido nas cores luminosas de seu rosto, na chama de seus olhos (MILLER, 2021, p. 98).

A ótica de Pátroclo, como exemplificada acima, transforma a percepção que o senso comum tem de Aquiles, e se o sucesso viral da obra nas mídias sociais é indicativo de algo, é que Madeline Miller conseguiu traduzir às linhas de nosso tempo um enredo clássico. A exploração da sexualidade dos protagonistas, desse modo, se torna fator decisivo para a aceitação do livro. A Teoria Queer, desdobramento dos movimentos feministas da década de 1960, oferece uma explicação acerca da razão de livros com temática LGBTQIA+ gozarem dessa surpreendente popularidade:

A nova política de gênero que também pode ser chamada de queer - se materializa no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos: em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam. Essa mudança de eixo na luta política se fundamenta em duas concepções distintas com relação à dinâmica das relações de poder: uma que as compreende a partir da visão do poder como algo que opera pela repressão, e outra que o concebe como mecanismos sociais disciplinadores. Na perspectiva do poder opressor, os sujeitos lutam contra o poder por liberdade, enquanto na do poder disciplinar, a luta é por desconstruir as normas e as convenções culturais que nos constituem como sujeitos (MISKOLCI, 2021, p. 27).

Esta construção da subjetividade, fruto da luta por subverter os mecanismos sociais disciplinadores sugerida por Miskolci, conversa diretamente com a estratégia adotada por Miller de substituir o foco narrativo do épico. A subjetividade, para Flávia Gonçalves da Silva (2009, s/p), é entendida como aquilo que diz respeito ao sujeito, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa. Os estímulos externos são precedentes na construção contínua das subjetividades de um indivíduo, disto isto, quaisquer que sejam suas percepções, referências, ideias do meio externos, se tornam dispositivos na construção do seu “eu”.

Com a crescente disputa da comunidade LGBTQIA+ por espaços de representação na sociedade, é inevitável que a discursividade se torne também um campo de batalha não apenas para tal construção de



subjetividades, mas também sua expressão. Produtos culturais alçados à categoria de *mainstream* compõem o imaginário da cultura pop<sup>3</sup>, e, graças ao advento das mídias digitais, passam a exercer papel decisivo na constituição dos sujeitos consumidores dessa cultura, oferecendo uma alternativa aos padrões de afetividade estabelecidos pelo *ethos* ocidental, ou o que Christian Gonzatti (2021, p. 158-159) refere-se como cura por meio do pop:

Curar no sentido de buscar inspiração nos saberes de alguns povos indígenas - como os Pankará, da Serra do Arapuá -, entendendo o agir curatório como uma ação xamã, envolvendo psicologia, espiritualidade, restauração do bem-estar e de relações sociais, fim dos males, doenças. Uma cura que é buscada fora do corpo biológico. Curar o pop seria, então, refletir sobre a sua potência de ser operacionalizado com resistência, gerador de novos afetos e políticas que sejam antirracistas, antimachistas antilgbtqfóbicas - o que emergiria de sua queerificação e decolonização. Erick Torrico desenvolve uma análise crítico-reflexiva por meio das relações de poder-saber, das possibilidades de ser e de fazer, propondo uma reumanização comunicacional em um processo decolonial - o que pressupõe a desconstrução do poder e do conhecimento para reconstruir e emergir novas possibilidades (GONZATTI, 2021, p. 158-159).

Para que haja a necessidade de uma cura, como sugere Gonzatti, é necessário que também se reconheça a doença, corporificada pelos dispositivos de manutenção da colonização: o racismo, o machismo e a lgbtfofia, às quais um pop reformado (ou curado) oferece novas possibilidades. Dentre elas, considerar outras formas de masculinidade que não a heteronormativa (pela qual a colonização se reproduz) promove um ruído nas tendências ideológicas hegemônicas, assim chamadas por Dalcastagnè (2012, p. 9), uma força desestabilizadora e contraditória do *ethos*. Ainda segundo Gonzatti (2021, p. 162), “a cultura pop e a sua potência de articular afetos e sensibilidades por meio de redes de fãs pode ser acionada como uma possibilidade agonística por intermédio da incursão de novos sentidos em seus circuitos”.

Assim, podemos entender figuras arquetípicas como as de Aquiles como um desses circuitos a serem ressignificados por autoras como Miller. Obras como *A canção de Aquiles*, enquanto uma releitura de perspectiva homoafetiva, ao reconstruir um dos maiores modelos de heteronormatividade do Ocidente – a figura heroica de Aquiles –, contribui, portanto, para a produção de novas subjetividades, ressignificando a função exemplar do gênero épico.

### **Considerações finais**

Reconstruir uma história clássica sob a ótica LGBTQ+ é um projeto arriscado, especialmente ao considerar que o objeto dessa reconstrução é a figura do herói épico. Madeline Miller, no entanto, molda seu enredo de forma a retratar essa personagem enquanto uma alternativa de subjetividade e expressão de afetos em *A canção de Aquiles* (2021).

---

<sup>3</sup> O pop, que já vem contagiado pelas forças colonizadoras, é uma abreviação do que é popular, mas que se diferencia das noções de "cultura do povo". Perpassando historicamente a pop art, as indústrias culturais, os processos de segmentação de uma sociedade e do consumo e universos simbólicos vêm sendo constituídos por meio dos engendramentos entre mídias e culturas - e gerando aquilo que se pode entender como cultura pop (GONZATTI, 2021, p. 157).

Ao mesmo tempo que eleva o protagonista e narrador Pátroclo à posição de herói contemporâneo, Miller humaniza a personagem de Aquiles, atribuindo-lhe uma carga afetiva até então apenas sugerida por autores como Homero, Graves, Franchini e Seganfredo. Sua liberdade criativa, no entanto, não priva o épico de seus principais atributos: a valoração coletiva do herói e a tragédia vaticinada pelos deuses, que o assombra até o momento derradeiro.

A releitura de *Íliada* feita por Miller oferece um romance épico para os anseios contemporâneos por afirmação de subjetividades marginalizadas, que destoam das normatividades hegemônicas na condição de ruídos necessários. Sua recepção viral evidencia a demanda que o público leitor contemporâneo tem de enxergar uma parcela sua até então apagada de narrativas que ecoam a coletividade, o que Gonzatti chama de queerificação do pop.

Legitimar essas possibilidades de releitura – e, conseqüentemente, de desestabilização dos discursos predominantes – é um convite para que a obras, personagens e motivos clássicos sejam não apenas revisitados, mas ofereçam novas contribuições à contemporaneidade, suscitando, inclusive, novos questionamentos: e se a tragédia que se abate sobre Jacinto e Apolo fosse desenvolvida em um romance? E se as relações de Diana e suas damas de companhia se tornasse matéria de contos? E se os deuses, em sua habilidade de mudar de forma, fossem assunto para discussões acerca de identidade e expressão de gênero?

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CARDOSO FILHO, Antônio. **Teoria da literatura I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2012.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCHINI, A.S. SEGANFREDO, Carmen. **As 100 melhores histórias da mitologia: deuses heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana**. L&PM editores: Porto Alegre, 2003.
- GONZATTI, C. Um manifesto queer para decolonizar a cultura pop. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 3, n. 16, p. 156–168, 2021. DOI: 10.9771/peri.v3i16.38341. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/38341>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- GRAVES, Robert. **Os mitos gregos vol. II**. 2ª edição. Trad. Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin, 2013.

MILLER, Madeline. **A canção de Aquiles**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Coleção Cadernos da Diversidade. São Paulo: Autêntica, 2012.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 fev. 2022.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2011.